

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 2 Orlas Populas Class.: 11

Data: 15/02/88 Pg.:

Barragem no Tapajós, uma grave ameaça aos índios

BRASÍLIA — "Qualquer barragem que vier a ser construída no Alto Tapajós afetará, de forma irreversível, às comunidades que habitam a região com consequências ainda não avaliadas, mas que por certo, serão graves". A advertência foi feita pelo administrador regional da Funai no município de Itaituba, no Pará, José Maria Nascimento.

Responsável pela assistência à cerca de 2.500 índios Munduruku, que habitam a área indígena Sai-Cinza e a reserva Mundurukania, a primeira com 126.000 hectares e a segunda com cerca de 950.000 hectares, a administração regional da Funai em Itaituba, Pará, seguindo instruções do presidente da Funai, Romero Jucá Filho, tem procurando acompanhar atentamente a pesquisa e os levantamentos da equipe técnica que, atualmente, pesquisam o potencial hidroenergético da bacia de Tapajós, primeiro passo para que se possa avaliar a viabilidade ou não de se construir hidrelétrica na região.

SOLUÇÕES

Habitando uma área onde existem centenas de garimpos, os índios Munduruku, segundo José Maria Nascimento, estão expostos a um outro perigo, o mercúrio, largamente utilizado por milhares de garimpeiros na extração do ouro, e que hoje está poluindo o Tapajós em tão alto grau que, em Belém, já está formada uma comissão interinstitucional, integrada por

técnicos de várias áreas, com o objetivo de levantar o potencial de poluição e apontar soluções urgentes para amenizá-la e salvar a população de graves problemas de saúde.

LAMA

"Hoje, quando se olha para o Tapajós, sobretudo na área imediatamente abaixo de Jacareacanga, uma localidade situada acima de Itaituba, o que se vê é uma lama, um lodo, tão grande é a quantidade de mercúrio depositada nas águas do rio", revela José Maria. Ele se preocupa principalmente com a situação dos mais de mil índios Munduruku que não estando aldeados vivem em pequenos grupos às margens do Tapajós, e aos quais a assistência da Funai é inviável, até mesmo por causa das extremas dificuldades de acesso às áreas.

ITAPARICA

SALVADOR — O bispo diocesano de Paulo Afonso, d. Aloisio Penna, considerou que "tecnicamente é irreversível" o fechamento da barragem de Itaparica, anunciando para o dia 19 pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco, sem que todos os problemas sociais de reassentamento das populações e pagamento das indenizações sejam resolvidos, assim como os problemas ecológicos.

Segundo o bispo, o processo de reassentamento das famílias de sete municípios baianos e pernambucanos em novas cidades e agrovilas construídas pela CHESF, difícil-

mente ficará concluído até a data marcada para o fechamento da barragem. Mas ele acredita que os problemas remanescentes serão equacionados posteriormente, "porque este é um compromisso do presidente da CHESF, José Carlos Aleluia". D. Aloisio só teme é que uma eventual mudança na diretoria da empresa venha provocar solução de continuidade da questão.

Pessoalmente o bispo de Paulo Afonso disse que visitou há poucos dias a nova cidade de Rodelas, considerada por ele mesmo "ainda um grande canteiro de obras". Até a nova igreja já está pronta, mas a população resiste em transferir os santos antes que a cidade fique totalmente pronta e todas as famílias sejam reassentadas no núcleo urbano e nas agrovilas. Nova Rodelas, de acordo com o bispo, está com obras não concluídas. Ali, hoje, 125 famílias tinham sido reassentadas, restando outras 590.

Com a marcação da data para o fechamento da barragem, o clima na região é de apreensão. Sinto que as populações atingidas acham isto irreversível e, diante da realidade, cuidam de exigir da CHESF o cumprimento dos compromissos assumidos, de resolver todos os problemas sociais. Problemas, claro, ficarão para ser resolvidos depois do fechamento, que se for adiado por três ou quatro meses, irá atrasar a obra em mais um ano, até que venha um novo período de chuvas — opina d. Aloisio Penna.